

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE SÃO PAULO
 Av. Engº Caetano Álvares, 55 — Tel.: 856-2122 (PABX) — CEP 02598-900
 São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01065-970 SP — E. Telegráfico ESTADO
 Telex 011.23511 — Fax 265-2297



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto
 Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
 Ruy Mesquita
 César Tácito Lopes Costa
 José M. Hornem de Montes
 Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade

Ruy Mesquita Filho

Diretor de Redação

Fernão L. Mesquita

Diretor Executivo

Fernando L. Mitre

Editor Chefe

Celso Kinjô

Diretor Superintendente

Francisco Mesquita Neto

Diretor Comercial

Roberto Crissiuma Mesquita

Diretor Agência Estado

Rodrigo L. Mesquita

O medo da falta de medo

O que o ministro Eliseu Resende disse, na televisão, no fim da semana passada, exalando um desalento que contaminou qualquer telespectador mais consciente da gravidade da crise que vivemos, não constitui novidade nenhuma. Seu antecessor, Paulo Haddad, passou todo o seu breve período no Ministério da Fazenda dizendo praticamente a mesma coisa. Marcílio Marques Moreira não só passou o seu período no ministério repetindo a mesma coisa como fazendo aquilo que Eliseu disse que é a única coisa que poderá fazer.

Todos, enfim, ao confessarem, mais ou menos explicitamente, que tudo o que podem — ou poderiam — fazer é tentar manter a inflação nos níveis estratosféricos em que a encontraram, ao assumirem o ministério, estavam repetindo o que já dissera Mailson da Nóbrega, ao assumir o mesmo ministério no ocaso do governo Sarney, anunciando o seu **feijão com arroz**.

Desde aquela época, Mailson da Nóbrega tem repetido em inúmeras declarações e artigos na imprensa que para conseguir fazer a inflação baixar a níveis que permitam uma retomada do crescimento da economia é preciso um profundo ajuste fiscal, com a reforma do sistema tributário e a reforma das estruturas do Estado, que restabeleça definitivamente a sua saúde financeira.

“Um programa de estabilização econômica”, dizia Eliseu Resende na televisão, “só terá sucesso com uma profunda reforma fiscal. Aí será uma nova esperança, e temos essa oportunidade com a revisão constitucional”.

Temos essa oportunidade quando? Eliseu, ao fazer essa declaração, pensava em outubro próximo, como determina a própria Constituição. Dentro do Congresso, porém, aumenta a cada dia o número de parlamentares que defendem o adiamento do início da revisão constitucional para o começo de 1995.

Se essa idéia for vencedora, como parece que será, Eliseu Resende passará todos os 20 meses que restam ao governo Itamar cozinhando o seu **feijão com arroz**.

Depois do malfadado plebiscito do próximo dia 21, estará oficialmente inaugurada a temporada da caça ao voto. O Congresso Nacional, assim como todas as assembleias legislativas desse gigante miserável e doente que o **Anuário Estatístico** do IBGE acaba de radiografar impiedosamente, estará em vilegratúra, porque seus titulares estarão tratan-

do de conservar seus empregos, juntamente com os candidatos à Presidência da República e aos governos estaduais, que estarão procurando novos empregos.

Esse imenso circo político não tem o mesmo sentimento de urgência desesperada que têm aquelas dezenas de milhões de brasileiros que figuraram nas trágicas estatísticas do **Anuário** do IBGE. (**Anuário** de 1991, note-se. Em 1992 a situação certamente se agravou muito.)

Os deputados federais e os senadores — assim como os deputados estaduais — não sentem a recessão na própria pele, porque não têm empresas às portas da concordata, nem mesmo a inflação, porque são eles que estabelecem seus próprios salários, e salário baixo, no universo estatal, é para funcionário público do Poder Executivo, mas não para os membros das Casas legislativas e nem para os funcionários dessas Casas, como acaba de mostrar a elevação de 367% dos salários dos funcionários do Senado Federal.

O tempo deles não é o tempo da economia. É o tempo da política. Eles estão tramando o adiamento da revisão constitucional porque querem tempo integral para cuidar de manter seus empregos, mas também porque acreditam que, revendo a Constituição depois da eleição do próximo presidente, poderão cuidar melhor de torná-lo mais submisso do que já é o presidente agora aos designios do Congresso. Não estão satisfeitos com o poder que já possuem, e que lhes permite impor ao Executivo essa “esculhambação orçamentária” com déficit de US\$ 10 bilhões, sem contingenciamento possível. Eles querem mais.

Eles não têm pressa e acham que o Brasil do **Anuário** de 1991 do IBGE também pode esperar mais dois anos até que se comece a tratar da “nova esperança” a que se referiu Eliseu Resende, enquanto põe no fogo a sua panela de arroz e o seu caldeirão de feijão: política monetária rígida, juros altos e ressurgimento das câmaras setoriais onde se vai tentar segurar os preços que são o efeito da inflação, já que o Congresso se nega a lhe dar as condições para eliminar suas causas estruturais. Tudo para segurar, se Deus quiser, a inflação entre os 25% e os 30% mensais de hoje.

O medo maior dos brasileiros que habitam a **Colônia** é da falta de medo dos habitantes da **Metrópole**, que é o diploma da sua irresponsabilidade.